

# Minha Vida Minha História

CEEJA DE PIRAJU

## PROJETO AUTOBIOGRAFIA

1ª Edição - 2017

# *Minha Vida* Minha História

**CEEJA DE PIRAJU**

Junho/2017

**PROFESSORAS RESPONSÁVEIS:**

---

Eliana Márcia Leite Camargo

---

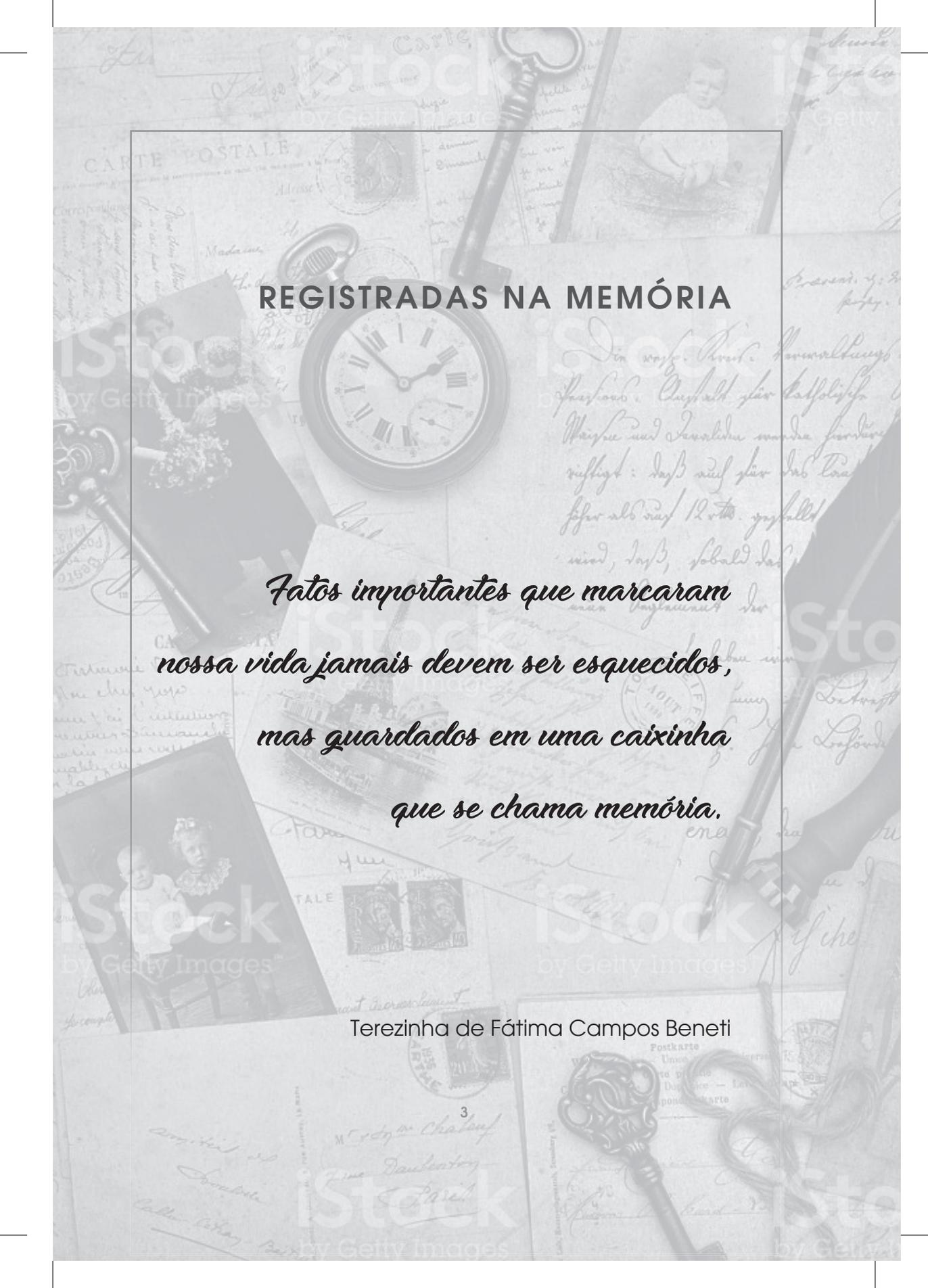
Raquel Balduino Nicolau de Souza

---

Regina Antonia Garcia

---

Terezinha de Fátima Campos Beneti



## REGISTRADAS NA MEMÓRIA

*Fatos importantes que marcaram  
nossa vida jamais devem ser esquecidos,  
mas guardados em uma caixinha  
que se chama memória.*

Terezinha de Fátima Campos Beneti

# “MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA”

**PROJETO GRÁFICO**  
Luciane Mendonça  
lumendoncadesigner@hotmail.com

---

**FOTOS**  
Arquivo Pessoal

---

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros.

1º Edição – agosto/2017  
Santa Cruz do Rio Pardo - SP  
Impresso no Brasil por Viena Gráfica & Editora

# SUMÁRIO

Projeto Autobiografia	<b>5</b>
Alunos participantes	<b>6</b>
Recomeço	<b>7</b>
Um dia de cada vez	<b>9</b>
Gratidão	<b>11</b>
Minha vida, minha história	<b>12</b>
Um sonho realizado	<b>14</b>
Tempos difíceis	<b>17</b>
Volta por cima	<b>18</b>
Minha vitória	<b>19</b>
A vida de uma simples jovem	<b>20</b>
Eu fui quem sou	<b>21</b>
Momentos de felicidade	<b>22</b>
Recordar é viver	<b>24</b>
A dor	<b>25</b>
Superação	<b>26</b>
Sou feliz	<b>28</b>
Eu chego lá	<b>30</b>
Bons tempos	<b>32</b>
Agradecimentos	<b>33</b>

# PROJETO - AUTOBIOGRAFIA

Desde os primeiros tempos da existência humana, as pessoas sentem necessidade de contar aos outros as experiências significativas que vivenciam. Por exemplo, em paredes de antigas cavernas, há desenhos feitos por pessoas que viveram lá há milhares de anos. São desenhos que trazem registros daquele tempo. Entre as diversas formas de narrar e registrar uma história de vida está a autobiografia.

A autobiografia, segundo o professor Massaud Moisés na obra *Dicionário de termos literários* (2004), é, em geral, um texto narrado em 1ª pessoa, porque o pronome eu é usado por aquele que fala ou escreve sobre si mesmo, para contar a própria história. Nesses textos, o personagem principal, que é o próprio narrador, além de contar os acontecimentos mais marcantes, escreve sobre os significados que esses acontecimentos tiveram para ele.

O autor de uma autobiografia registra o que foi vivido e faz uma espécie de reflexão, de interpretação dos acontecimentos, impossível de ter sido feita na ocasião em que aconteceram.

E mais, reflexões do tipo valeu a pena ter escolhido aquele caminho ou todo aquele sofrimento que vivi não foi em vão só podem ocorrer quando os acontecimentos já transcorreram.

O projeto "*Minha Vida, Minha História*", desenvolvido pelas professoras Eliana, Terezinha, Raquel e Regina, teve como objetivo levar os alunos do CEEJA de Piraju a relatar os acontecimentos mais marcantes e o que eles significaram para suas vidas.

A ideia inicial era apenas de puxar pela memória e resgatar um pouco de uma parte tão importante de suas vidas. E o resultado não poderia ter sido melhor. Textos maravilhosos foram produzidos por nossos alunos.

## **ALUNOS PARTICIPANTES:**

---

Aline  
Aparecida  
Célia  
Cláudio  
Edna  
Edevaldo  
Eliana  
Giselda  
Ivanilda  
José Mariano  
Larissa  
Maria Heloísa  
Patrícia  
Raquel  
Thiago  
Vera  
Zélia

“Minha vida, minha história”

## Recomeço

Hoje, meu nome é Aline de Cássia Ferreira Mazzini. Digo “*hoje*”, porque meu nome já foi mudado algumas vezes, vou explicar ...me chamava Stefani quando no dia 9 de fevereiro de 1993 nascia eu em Piraju, uma sobrevivente de seis tentativas de aborto, nascida de uma jovem garota de programas com um ...suponhamos, “*cliente desconhecido*”. Até aí, essa era a minha história, sem nenhuma perspectiva de uma vida feliz.

Para muitos, era o meu fim pelo simples fato de eu ser uma criança doente e cheia de feridas devido a maus cuidados. Mas o que parecia ser o fim, era um novo recomeço para um lindo casal agir com o coração e já com três filhos, encantados pelo sorriso daquele bebê, fez com que aquele ditado antigo falasse mais alto – “*onde comem três comem quatro*”! Então fui adotada e hoje sou muito feliz pelos pais que tenho, filha de uma costureira e de um humilde policial civil.

Considero-me uma pessoa comunicativa e cheia de sonhos. Na minha infância me via “*presa*” em meus pensamentos, gostava de cantar, ler, interpretar, fazia meus próprios poemas e canções.

Não imaginava que uma simples visita à cidade de Manduri iria mudar completamente minha trajetória. Eu era uma adolescente visitando a cidade e me deparei com um lindo rapaz cantando e tocando violão. Foi amor à primeira vista. Esse príncipe encantado se tornou o homem da minha vida e me fez sentir um amor tão grande que me levou a abrir mão da minha adolescência e até mesmo dos meus estudos e assim viver para sempre ao lado dele.

E assim aconteceu. Casei-me aos dezesseis anos e tenho dois lindos frutos desse amor. Mudei de vez para Manduri onde trabalhei em uma escola de arte para crianças carentes. Eu levava meu amor pelo teatro até essas crianças onde elas conseguiam expressar seus sentimentos espremidos em meio a tanto sofrimentos.

Aos vinte e quatro anos, a vida me surpreende novamente, trazendo à

“Minha vida, minha história”

tona o desejo de voltar a estudar, pois eis que nasce também um novo sonho, me tornar uma policial militar.

Uns dizem que é loucura, e eu digo que é um dom, pois ouvi de muitos que minha vida iria acabar atrás das grades porque eu iria me revoltar com a vida e acabaria por fazer uma burrada, que iria virar bandida e não fazer mais que frequentar uma delegacia.

Pois é... é isso mesmo que quero para minha vida! Frequentar delegacia. Mas pelo outro lado da “moeda”, não como uma bandida, mas sim, como alguém que luta contra a violência e contra qualquer tipo de crime.

O tempo passou! E minha vida é como um livro. Cada página um recomeço, cada recomeço um desafio, cada desafio uma conquista e em cada conquista nasce uma nova forma de ver a vida e fazer tudo valer a pena.

*Aline de Cássia Ferreira Mazzine*

## Um dia de cada vez

Casei-me em 1982 com quinze anos e grávida de 3 meses. Neste mesmo ano nasceu minha filha Veridiane, linda e saudável. Éramos uma família feliz.

Depois de cinco anos, resolvemos ter mais um (a) filho (a). Engravidei e no ano de 1988 nasceu minha segunda filha, a Valeriane, também linda e saudável. Sentia-me realizada e feliz, pois ia tudo bem.

Quando a Valeriane estava com um ano e dois meses, eis a surpresa! Estava grávida novamente. No início fiquei assustada, mas depois fui me acostumando com a ideia.

No ano de 1990, nasceu um lindo e forte garotão, demos o mesmo nome do pai, Adilson Júnior, mas logo todos os chamavam pelo apelido de “Loboy”.

Passaram-se os anos. Meus filhos cresceram. A Veridiane fez faculdade de Direito e a Valeriane começou a fazer faculdade na área da saúde, Enfermagem. O Loboy não gostava de estudar, tanto que repetiu a 5ª série por duas vezes, mas não desistiu, dizia que queria fazer Veterinária.

No ano de 2007, mais precisamente falando, no dia 7 de setembro, por volta da 9:30 horas da manhã, recebi uma notícia que jamais imaginei que um dia iria receber.

Meu filho, meu único filho homem, meu caçula, havia sofrido um acidente de carro e faleceu. Que absurdo! É mentira! Dizia eu às pessoas que começaram a chegar em minha casa. Liguei para o meu marido, que também ficou em estado de choque. Ficamos sem chão. Meu marido foi até o IML, na cidade de Ourinhos e logo me ligou confirmando que era realmente o nosso bebê, com dezessete anos eu ainda o chamava de bebê.

Acabou! Viver, lutar, para quê? Mas tinha minhas filhas que precisavam de mim. Tudo muito difícil, porém, o mundo jamais para pelas dores, a vida segue, aceite ou não. Apeguei-me ainda mais com Deus, e bola para frente.

Durante o dia passava bem, à noite batia a saudade. Qualquer barulho que ouvia, achava que era ele chegando. Vontade de vê-lo, abraçá-lo, ouvi-lo e ver aquele lindo sorriso.

Quando a dor já estava mais suportável, a saudade é que ia ficando cada vez mais forte, eis que a vida mais uma vez me prega um susto, foi no ano de 2010, ao fazer alguns exames de rotina, mais precisamente mamografia, no resultado deu suspeita de câncer de mama. Meu mundo desmoronou, pois, minha mãe havia falecido devido a um câncer de mama. Fiz a biópsia e o diagnóstico foi positivo. Era mesmo câncer de mama. Já me vi igual minha mãe, numa cama. Com dores e pronta para morrer.

Fui ao mastologista e ele me passou todo o procedimento que seria feito.

Em abril de 2011 fiz a cirurgia. Graças a Deus tudo correu bem. No mês de maio comecei as tão temidas quimioterapias. Foram oito ciclos a cada vinte e um dias; quatro vermelhas e quatro brancas. Meus cabelos caíram, mas não desanimei. Dizia para mim mesma: *“O bambu enverga com o vento, mas não quebra”*. Enfim acabaram-se as sessões de quimioterapias e a melhor notícia depois de tantas ruins, é que não precisaria fazer radioterapia, pois esse tipo de tumor que tive não era agressivo (vamos dizer assim para se entender melhor). A partir de então, comecei um tratamento que duraria cinco anos, com medicamentos e exames de rotina. Tudo para ter certeza que o câncer não voltaria. E assim foram-se passando os anos e graças a Deus só notícias boas referente ao tratamento.

No ano de 2016, a doutora me deu a tão sonhada alta médica. Eu estava livre dessa doença que é muito cruel, dolorosa e sofrida.

Desde que meu filho faleceu, resolvi que viveria um dia de cada vez, sem planos para o futuro. Depois do câncer, tive mais certeza ainda que era uma meta, um dia de cada vez. Desde o momento que venci essas batalhas, decidi que viveria para ajudar as pessoas, voltaria a estudar e é o que estou fazendo hoje.

Tudo em nossas vidas é um aprendizado, onde Deus transforma choro em sorriso, dor em força, fraqueza em fé e sonho em realidade.

*Anarecida de Cássia Guidio Ferreira*

## Gratidão

Meu nome é Célia e tenho 35 anos. Sou casada e tenho dois lindos filhos. Quando criança morava na Fazenda Palmeiras que fica entre os municípios de Bernardino de Campos e Ipaussu. Adorava morar lá. Tinha muitos amigos e gostava de brincar pelo terreirão.

Minha brincadeira predileta era casinha. Após meus dez anos, meu pai se aposentou e tivemos que nos mudar. Fomos então para a cidade.

Nossa! Fiquei muito triste porque eu amava estar na fazenda, mas tive que me conformar.

Alguns anos se passaram e encontrei o amor na minha vida, quando eu estava com quatorze anos. Namoramos por um período de quatro anos e nos casamos. Logo depois, nasceu meu primeiro filho e passados mais três anos nasceu meu outro filho.

Hoje, sou uma pessoa muito feliz. Tenho Deus na minha vida. Um marido maravilhoso e dois filhos muito queridos. Por tudo isso sou grata a Deus.

*Célia de Almeida Guidio Lima*

## Minha vida, minha história

Quando eu era criança e vivia com meus pais, as coisas eram muito difíceis. Eu ainda não trabalhava, apenas estudava. A escola ficava longe de casa e eu tinha que andar muito. Saía bem cedo de casa para chegar dentro do horário, mas mesmo assim gostava.

Durante muito tempo moramos no sítio onde brincávamos muito.

Brincávamos de carrinho, nadávamos em açudes, brincávamos debaixo das árvores e outras brincadeiras daquela época.

Naquele tempo eu não sabia o que queria da vida, mas sabia que meu pai trabalhava muito para sustentar a família que era bastante grande. Éramos em nove irmãos e meu pai sozinho para trabalhar duro na roça. Ele labutava muito, porém, sempre tinha um sorriso em seus lábios e uma coragem imensa.

Em uma linda manhã, estava brincando no quintal da casa e cansado de tanto correr e pular, parei para descansar debaixo de uma frondosa árvore onde havia um balanço. Sentei-me naquele balanço e me pus a balançar. Parei e fiquei apenas sentado, olhando para o nada, sem falar com ninguém. Fiquei assim não sei por quanto tempo, apenas refletindo.

Depois de muita reflexão e sem saber muito da vida e sem nenhum conhecimento, alguns pensamentos surgiram e um deles foi o de que eu também poderia fazer alguma coisa naquele lugar, mas fazer o quê ali? Tudo era longe, nem vizinhos tínhamos.

Algum tempo depois, meu pai resolveu ir embora daquele sítio onde eu nasci e vivi por treze anos. Foi muito difícil sair daquele lugar. Com um aperto no coração, deixamos aquele lugar e fomos para outro perto dos meus tios.

Com meus treze anos, meu pai me tirou da escola para ajudá-lo na roça e aumentar a renda da família. Dessa forma ajudaria nas despesas de casa.

Durante minha adolescência trabalhei muito na roça com meu pai e meus irmãos. Quase não tinha tempo para brincadeiras, para sair com amigos e

conhecer novas pessoas e fazer novas amizades. Isso tudo ainda era difícil.

Agora me ponho a pensar em tudo que vivi, nas dificuldades e nas brincadeiras de criança, nas coisas que aprendi e fiz e que por hora ficaram para trás. No momento, só uma imensa saudade e uma grande vontade de chorar. Sinto saudade também dos amigos que ficaram distantes e que nunca mais nos encontramos.

Daqui há alguns anos, se Deus me permitir, outras lembranças se juntarão as já vividas, as quais servirão para eu crescer pessoalmente e fortalecer meus conhecimentos.

Hoje, estou estudando para terminar aquele estudo que meu pai me fez interromper para ajudá-lo nas tarefas da roça e, essa é "*minha vida, minha história*".

*Cláudio Florêncio de Brito*

## Um sonho realizado

No ano de 1987, no dia dois de março, minha mãe me trouxe ao mundo. Nasci na cidade de Fartura.

Fui criada em uma fazenda chamada “*Fazenda Alto Verde*”, onde fui a criança mais feliz do mundo, justamente com meus seis irmãos. Somos quatro mulheres e três homens.

Vivemos lá por cerca de nove anos. Depois mudamos para a cidade, onde tudo era diferente para nós. Fechados entre quatro muros, as árvores sumiram, os rios não existiam mais, muito menos as aves e animais. Não tinha mais o leite tirado da vaca na hora, peixes, as verduras e legumes da horta, ovos etc. Eu achava estranho, tudo tinha que ser comprado na cidade.

O tempo foi passando e a gente se adaptando. Aos quinze anos de idade conheci um rapaz. Fazia uns dois meses que estava morando na cidade e começamos a namorar. Meu pai, homem de disciplina rígida, sempre nos avisava:

– Intimidade, só depois do casamento. Se acontecer algo antes, terão que morar juntos como marido e mulher.

Meses depois, meu pai foi morar em uma fazenda perto da cidade para cuidar de gado. Meus irmãos e eu ficamos morando em nossa casa na cidade. Eles iam para o trabalho e eu cuidava do lar.

Num certo final de semana, meus irmãos foram para a casa de meus pais e eu fiquei. Mal sabia que nesse dia minha vida iria mudar totalmente. Era mais ou menos 18:00 horas quando meu irmão mais novo chegou em casa e viu que meu namorado estava lá. Não nos disse nada e saiu correndo. Foi embora. Não demorou muito para meu pai chegar. Estava muito bravo e foi logo me dizendo:

– Você tem que ir embora com ele.

Eu então perguntei:

– Por quê?

Meu pai respondeu:

– Agora vocês são marido e mulher e terão que viver juntos.

Naquele instante o mundo parecia ter acabado para mim. Eu me vi dentro de um buraco negro, não tinha chão sob meus pés.

Mesmo assim, eu argumentava com meu pai de que nada havia acontecido entre nós, que podia me levar para o hospital e fazer exames. Eu dizia a verdade, mas nada adiantou. Eu tive que ir embora da minha casa, não tinha noção da vida a dois, pois minha mãe nunca havia conversado comigo sobre esse assunto.

Resignada, abaixei a cabeça e sem olhar para lugar algum, desci a rua e assim me despedia da minha vida perfeita e feliz.

Sabe onde fui morar? Na casa dos pais dele por uma semana.

Certa manhã, resolvemos fazer nossas malas e fomos de ônibus para outro lugar. Passei a morar com ele no meio do mato. Era uma fazenda de eucaliptos. A casa era um barraco de lona, não tínhamos energia e muito menos rede de esgoto. A roupa eu lavava na beira de um rio, a cama era feita em cima de um estrado de eucalipto e para cozinhar era um pequeno fogão improvisado feito de barro.

Só Deus na minha vida! Eu não merecia tanto sofrimento. Chorava muito por estar longe da minha família.

Passaram-se os dias e voltamos para trás. Fomos novamente morar na casa da família dele em Fartura.

Minha casa era o porão da casa da mãe dele.

Mais um tempo se passou e de Fartura fomos morar em Taguai, onde tive dois filhos, um casal.

Meu marido se tornou um homem ruim, me agredia, me xingava. Sofri muito nas mãos dele, que também não gostava de trabalhar. Quando era dia de pagar o aluguel ele me dizia que se eu não pagasse ele iria pedir ao dono do imóvel para colocar o que tínhamos na rua. Então eu pagava o aluguel para não ver meus filhos sem ter onde dormirem.

Eu, cansada de tanto sofrer, resolvi dizer a ele que não queria mais con-

tinuar naquela vida. Ele ajoelhou e me pediu perdão mais uma vez, isso já havia acontecido antes. Decidi que ele nunca mais iria colocar as mãos em mim e fui pousar na casa da minha mãe.

No dia seguinte, levei meus filhos na creche e fui para o trabalho. No final do expediente, minha mãe e eu fomos para minha casa. Chegando lá, a surpresa! Ele havia ido embora, mas quando abri a porta da cozinha foi a maior decepção, pois tinha vendido tudo que tínhamos em nossa casa e eu não tive como continuar a morar lá.

Fui morar com minha mãe. Os meses se passaram e Deus preparou para mim e para meus filhos uma pessoa maravilhosa para caminharmos juntos.

Hoje moro com meus pais na chácara onde estou construindo minha casa.

Amo meu pai, apesar do ocorrido. Hoje ele tem confiança em mim e sinto o quanto se arrependeu, pois é muito carinhoso comigo e o considero o melhor pai do mundo. Às vezes, por amor, a gente faz coisas desnecessárias.

Vivo com meu esposo há oito anos. Meus filhos o amam e o respeitam e graças a Deus não tenho mais contato com o pai deles. As crianças nunca perguntaram dele, pois o que é ruim em nossa vida não nos faz falta.

Hoje sou uma pessoa realizada e tenho uma família maravilhosa.

*Edna Vieira Barros*

## Tempos difíceis

A história da minha vida é um fato real, vivenciada na casa de meus pais. Comecei a trabalhar muito cedo devido às dificuldades pelas quais passávamos.

Nossa família era grande, um total de nove pessoas na casa. Só meu pai é que trabalhava. O que ganhava era muito pouco, então, eu e meus irmãos mais velhos, começamos a trabalhar. Meio período para estudar e outro para trabalhar.

A escola ficava na fazenda em que morávamos e por isso não tínhamos dificuldade de locomoção. Saíamos da escola e corríamos para o trabalho, eu e meus dois irmãos mais velhos. Essa era a nossa rotina e tudo caminhava bem, até que um acidente de trabalho paralisou o braço direito do meu pai.

Com a perda do movimento do braço, ele foi dispensado do trabalho. A partir daí se entregou à bebida e, com esse fato, começou a prejudicar a família. Tornou-se um homem violento.

Durante muito tempo, sofremos com nosso pai, mas nunca o abandonamos. Sempre buscamos tratamento para que se libertasse do vício e voltasse a ser um homem bom.

Naquela época, éramos ainda menores, mas já responsáveis. Tivemos que assumir a casa e deixamos de frequentar a escola. Dedicamos então nosso tempo para o trabalho, pois eu era responsável por todos.

Naquele tempo, as coisas eram mais difíceis. Não havia tantas facilidades como nos dias atuais.

Hoje, já não tenho mais meu pai nem dois dos meus irmãos, mas minha família está bem estruturada.

Neste momento sou agradecido a Deus por tudo que tenho e espero que daqui a alguns anos as coisas estejam ainda melhor que agora.

*Edevaldo Corrêa de Lima*

## Volta por cima

Quando eu era criança, as coisas eram mais difíceis. Naquele tempo, não tinha ajuda do governo, eu passava muitas dificuldades, morava com minha avó e nem me lembro de quando vivia na casa de meus pais, pois me deram quando eu era criança. Morei durante muito tempo com meus avós.

Nas manhãs de domingo, meu pai vinha me visitar e eu adorava vê-lo. Depois de muita reflexão consegui entender que, por mais que meu pai tivesse me doado, ele ainda gostava de mim.

Tive vários problemas de saúde, mas minha avó sempre cuidou de mim. Quando fui atropelada ela correu comigo para o hospital e ficou muito preocupada, então naquele instante vi que ela me amava muito. Naquela época, as pessoas se preocupavam mais umas com as outras.

Durante a minha adolescência, já com quatorze anos, sofri um estupro e fiquei muito mal, mas não podia falar para ninguém, pois fui ameaçada e me calei porque a pessoa me agrediu. Tenho que dizer que neste momento da minha vida estou muito mais tranquila. Hoje me sinto em paz e daqui a alguns anos eu vou me formar e trabalhar cuidando das pessoas, porque estou fazendo curso técnico na área da saúde.

Hoje me sinto muito bem porque eu dei a volta por cima sem precisar de bebidas, drogas e nem prejudicar ninguém.

*Eliana Amaral dos Santos*

## Minha vitória

Eu, Giselda, sou filha de Antônio Lima Ferreira e Amélia Rodrigues Ferreira. Nasci na cidade de Piraju em 18 de julho de 1968.

Quando eu era criança tive problemas com minha saúde e com apenas oito anos de idade fiquei em estado de coma por quinze dias internada no hospital de Rubião Junior. A partir daí, passei a ter vertigens.

Na época, me afastei dos estudos porque o “*bullying*” era mais liberado e eu não aguentei a pressão. O meu sonho era me libertar disso.

Depois de algum tempo, já com doze anos, arrumei emprego em uma fábrica. Nessa época, criança podia trabalhar.

Com quatorze anos conheci o meu marido, o qual me enrolou por um bom tempo e aos dezoito anos, perdi meu pai. Com essa idade realizei um sonho, sonho comum entre os adolescentes, tirar a carta de motorista, ou seja, estar habilitada a dirigir veículos.

Estava namorando e acabei engravidando sem ao menos saber o que era uma gravidez. Acabei tendo um aborto espontâneo. Fiquei surpresa e preocupada porque não sabia o que era. Fui até o hospital e o médico me perguntou se eu não sabia mesmo o que era e eu disse que não. Nem o sexo do bebê sabia. Nunca me perdoei. Com o sentimento machucado, disse para meu marido:

– Agora é pegar ou largar! Pois não vou ficar fazendo filho para minha mãe criar.

Fomos então morar juntos em um sítio. Ficamos lá por dezessete anos. Após quatro anos de casada veio o meu filho, uma graça divina e quando ele tinha dois meses, me libertei das vertigens e passei a participar de cursos de artesanato, costura e operadora de máquina industrial.

Para incentivar meu filho acompanhei-o nas canoagens. Participei também da natação, do Conselho da Escola e por três anos acompanhei os alunos que faziam prova do ENEM. Em 2015, mesmo com medo, mais uma vitória, tirei habilitação para pilotar motos.

“Minha vida, minha história”

Hoje, eu estudo no CEEJA e estou concluindo o Ensino Médio. Gostaria de agradecer a Dona Célia por todo apoio que tem me dado, a todos os professores e funcionários. Para mim isto tudo é uma vitória e dedico aos meus pais que estejam onde estiverem com certeza estão orgulhosos, porque era exatamente isso que eles gostariam que eu tivesse feito.

*Giselda Maria Ferreira*

## A vida de uma simples jovem

Quando nasci, meus pais moravam em um sítio.

Aos quatorze anos de idade fui morar na cidade e comecei a trabalhar muito cedo.

Com vinte e um anos eu me casei e aos vinte e dois nasceu minha filha, hoje, com dezesseis anos.

Depois de um ano e sete meses do seu nascimento, voltei a trabalhar.

Alguns anos depois, eu queria muito tirar a carteira de habilitação e consegui, agora, decidi voltar a estudar e hoje eu estou estudando no CEEJA de Piraju.

*Ivanilda Simone da Silva Vieira*

## Eu fui quem eu sou!

Ontem pensei em tingir meus cabelos porque os fios estão ficando mais brancos a cada dia.

Arrependi – me imediatamente, porque cada fio branco que nasceu foi consequência de uma experiência vivida. Não achei justo comigo mesmo.

Por que querer apagar a memória da infância vivida na Vila Formosa na casa de meus pais? Da dor que naquela época, a separação tão traumática de meus pais me causou? Minha ida a Pernambuco, a sopa de maxixe e a rejeição de meus avós? E dos bons e melhores tempos, do primeiro beijo, do primeiro amor e tantos outros que vieram que eu também pensei que seriam eternos? Por que colocar uma tinta negra sobre o nascimento do meu primeiro filho? (Que Deus o tenha!), e do segundo, e do terceiro?

Por que esquecer quem eu era em tempos de incansáveis baladas e quando estas se tornaram cansativas?

Por que disfarçar aquele tempo de minhas metamorfoses... de meus sucessos, meus fracassos...

Depois de tantas reflexões cheguei à conclusão:

*“Que venham os cabelos brancos! Não para que eu me esqueça de quem eu fui, mas para que eu não me esqueça de quem eu sou!”*

*José Mariano da Silva*

## Momentos de Felicidade

Os momentos que marcaram minha vida e ainda marcam foram sem dúvida o nascimento de meus filhos.

Posso dizer que são momentos em que o medo, a ansiedade, alegria, felicidade, enfim, momentos em que os sentimentos se misturam e tudo fica confuso.

Quando tinha vinte anos, engravidei do meu primeiro filho, Leonardo, hoje com oito anos. É um menino maravilhoso, com uma imaginação de dar inveja. Um garoto lindo, carinhoso, muito esperto e feliz.

Depois de alguns anos engravidei novamente. Nasceu então a Alice que está com 3 anos. É graciosa, delicada, esperta, linda! Igual ao irmão.

Minhas gestações não foram nada fáceis. Tive algumas complicações como desmaios, não me alimentava direito e também não dormia. Meus partos foram através de cesárea, porque a bolsa não se rompia e também não tinha dilatação. Graças a Deus nasceram perfeitos e saudáveis.

Ser mãe, é um dom divino, um presente de Deus que não troco por nada nesse mundo. A loucura que é ser mãe é um sentimento verdadeiro e incondicional.

*Parissa Ar. Gasperoni dos Santos*

## Recordar é viver

Recordo da minha infância quando tinha 4 ou 5 anos, que tinha uma moça que trabalhava para minha mãe. Ela cuidava de mim e do meu irmão que tinha apenas um aninho. A razão da Maria Alice ajudar minha mãe era a minha irmã. Ela era muito doente.

Aos domingos, sempre ia com meu pai ao asilo, na reunião dos Irmãos do Santíssimo. Fico muito feliz quando me lembro disso.

Gosto também de me lembrar de quando entrei na escola, do pré, da dona Nininha, das minhas amiguinhas que ainda lembro alguns nomes: Silvana, Maria Cláudia, Lúcia Helena...

Saudosa ainda, ressalto a ida na casa da Silvana para brincar, principalmente porque ela tinha em seu quarto uma casinha montada.

Depois de brincar, dona Cleusa servia café para nós. Na minha casa não tinha nada disso, pois éramos pobres e meus pais não tinham condições para comprar brinquedos nem as delícias servidas por dona Cleusa.

Aos seis anos de idade, mudamos para a CESP, um lugar maravilhoso, com casas para os funcionários morarem. Não se pagava aluguel e nem energia.

Foi morando na CESP que meu pai comprou uma TV para assistirmos aos programas porque até aquele momento íamos à casa dos vizinhos.

Na adolescência fui reprimida de passear, de fazer Educação Física e outras coisas mais. O motivo era a distância, 18 Km longe da cidade e por isso não podíamos fazer as atividades fora do horário escolar.

Sofri muito!!!Dependia do horário do ônibus, tinha “regras” a serem cumpridas e conseqüentemente não havia liberdade para passear.

Em 1976 iniciei namoro com quem hoje é meu marido. Se eu achava que não tinha liberdade, daí é que tudo complicou. Ele era muito ciumento. Acabou por não me apoiar nos estudos e fui aos poucos cedendo aos caprichos dele e parei de estudar.

Logo engravidei e rapidamente amadureci. Com meus dezoito para de-

zenove anos tive meu primeiro filho.

Vivenciei momentos terríveis. Meu marido era alcoólatra e aprontava muito. Separei-me dele e fui morar com minha mãe. Depois de um tempo voltei a morar com o pai do meu filho. Morei também com meus sogros, uma benção para mim.

Em 1982, meu sogro conseguiu acertar uma casa para mim onde moro até hoje. Dou graças a Deus por essa conquista e pelos sogros que tive.

Em 1983, engravidei do meu segundo filho. Nesta época, foi um pouco mais fácil.

Hoje, já com meus 53 anos e incentivada por meus filhos, Paulo Henrique e principalmente Thiago Augusto, estou estudando no CEEJA para terminar o Ensino Médio.

Jamais imaginei um dia voltar aos estudos. Estou feliz por ter tido a oportunidade de concluir o que no passado deveria ter acontecido.

Meu filho Thiago vem me incentivando a fazer uma faculdade e estou pensando. Quem sabe!!! Uma faculdade!!!

*Maria Heloisa Florêncio*

## A dor

Hoje ninguém vai me conhecer completamente. No fundo, sempre havia algo oculto que não deixava ninguém ver. Histórias que guardo na memória, que me machucam e que às vezes me fazem chorar.

Algum tempo, passei por coisas horríveis, ruins mesmo. São fatos que não desejo a ninguém.

Durante muito tempo, achei realmente que nunca iria ser feliz, que não iria me aceitar pelo simples fato de eu ser como sou, pois, sou lésbica. Sofri preconceitos, mas me aceitei.

Hoje, quando me veem sorrindo pensam que sempre fui assim, mas não conhecem minha história de vida. Cada um tem a sua história, suas lágrimas, suas dores e suas diferenças.

Trancada às sete chaves em meu coração estão as mágoas. Pessoas dizem que é “bobeira”, frescura, falta de trabalho, falta de Deus, mas não é nada disso. Sou feita de carne e osso, tenho sentimentos, vivo minhas emoções e acima de tudo tenho um bom coração. Então, como julgar a dor e o sentimento que cada um traz consigo? Como criticar?

Depois de muita reflexão, sei que é fácil dizer que tenho problemas, dores e mágoas, assim como tantas outras pessoas.

Hoje, acredito que nada dura para sempre, que às vezes acontecem coisas em nossas vidas, mas que é para o nosso bem, para o nosso crescimento. Quero viver minha vida em paz e não apenas para agradar os outros.

Portanto, vivo a vida da minha maneira e o fato de eu ter me aceitado diminuiu a dor de ser diferente, isso me leva a aproveitar os bons momentos e a aprender com a vida.

Viva a vida!!!

*Patrícia Rufino*

## Superação

Nasci em 1973 e lembro da minha infância a partir dos meus seis anos.

Morei em uma fazenda até meus quinze anos e depois me mudei para a cidade. Logo comecei a trabalhar.

Alguns anos depois, me casei.

Em 29 de abril de 1997 nascia minha filha Gabriele, fato que mudou totalmente minha vida, uma benção de Deus.

Um ano depois, mais precisamente 1998, ela ficou muito doente. Corremos para todos os lados e graças a Deus, sua saúde foi restabelecida. Hoje, ela está com vinte anos.

No ano de 2006 perdi minha mãe, fato esse que me causou grande tristeza. Em 2015 foi meu pai.

Apesar de todas as perdas dei a volta por cima e estou muito feliz com minha família.

*Raquel de Oliveira Silva*

## Sou feliz

No ano de 1987, na cidade de Carapicuíba – SP nascia um menino muito esperado por seus pais, Valentim Muraro e Denise F. rocha Muraro, pois há um tempo, haviam perdido seu primeiro filho, antes mesmo do nascimento.

Eu, Thiago Rocha Muraro nasci em berço de carinho e amor. Dinheiro não era nosso forte, já que meu pai era caminhoneiro e na época não era um emprego que faturasse muito.

Com muito amor fui crescendo e ganhando irmãos, aumentando assim, nossa família. Então nasceram Diego, Diogo e Danilo, três irmãos que amo muito e que juntos, temos grandes lembranças da nossa infância.

Tivemos uma infância sadia e normal.

Jogávamos bola, soltávamos pipa, jogávamos vídeo – game e outras brincadeiras de crianças da nossa época.

Na escola íamos muito bem, pois minha mãe era muito rígida nesse quesito. Nessa época, já morávamos em Ipaussu.

Tudo estava indo muito bem, porém, no ano de 2001, nosso mundo tranquilo e perfeito veio ao chão. Nosso pai sofreu um terrível AVC e caiu. Bateu sua cabeça no chão e o sangue se espalhou pelo cérebro. Foi levado às pressas para o hospital de Ourinhos e em seguida foi para a UTI, onde passou por grandes complicações.

Meu pai teve paradas cardíacas, infarto e outro infarto. Seus rins pararam, pulmões infeccionaram e no coração foi detectado que duas veias estavam comprometidas. O médico dá a minha mãe apenas 1 por cento de esperança. Era o fim para nós.

Nesse cenário, eu na época com apenas 12 anos, assumi a postura de irmão mais velho, pelo fato de minha mãe passar dia e noite acompanhando meu pai na UTI. Eu e meus irmãos ficamos sozinhos e fiquei sendo responsável por eles.

Como meu pai ainda não tinha conseguido receber do INSS, eu, com 12 anos, saí da escola, não por escolha própria, já que gostava de estudar, mas

para trabalhar e poder dar de comer a meus irmãos. Poucos foram os que nos ajudaram com dinheiro e alimentos. O que eu ganhava era nossa salvação.

Seis meses se passaram que mais pareciam seis anos. Meu pai saiu do hospital, porém, fortes dores no coração o levaram novamente para o hospital. Dessa vez foi para São Paulo, mais precisamente no Hospital Pirajuçara em Itapeverica da Serra, onde operou duas artérias do coração.

Passado todo esse drama de vida ou morte de meu pai, eu e minha mãe tocamos o barco, cuidando dos meus três irmãos e do meu pai doente.

Nessas passagens que a vida nos reserva, eu conheci "*Marleide*", minha única namorada e atual esposa, com quem estou casado há 16 anos. Dessa união, dois filhos, "*Gyan Pedro*" e "*GyanFilipi*", presentes divinos que Deus me deu.

Em meados de 2003 retornamos para Ipaussu. Foi nesse período que conheci Jesus, através da igreja católica e me doei a ele através da música, pois toco violão e outros instrumentos.

Há 13 anos estou na obra de Deus. Ele me deu de presente meus filhos, minha família que tanto amo, um trabalho digno, uma banda musical da qual sou líder e me orgulho muito.

Durante esses anos, Deus me capacitou e me deu de presente 130 composições que vieram de presente do coração dele e dessas canções nosso CD. Tudo graças a "*Ele*".

Hoje, posso dizer que sou feliz mesmo depois de tanto sofrimento. Meu pai, minha mãe e meus irmãos estão bem. Sou casado com a mulher que amo, temos filhos maravilhosos e faço o que gosto que é cantar.

Após 18 anos fora da escola voltei a estudar e pretendo daqui a alguns anos me formar e ter um grande futuro para dar aos meus filhos um futuro melhor ainda.

Agradeço a Deus primeiramente e ao CEEJA por me dar a oportunidade de voltar a sonhar. Muito obrigado!

*Thiago Muraro*

## Eu chego lá

Quando eu era criança, passava a maior parte do meu tempo ajudando minha mãe nos afazeres domésticos e na roça.

Naquele tempo, tudo o que eu queria era estudar para ter um futuro melhor, mas vivendo na casa de meus pais, não tinha paz nem para comer. Tinha que cuidar dos meus irmãos mais novos, não podia brincar e nem estudar. Ia à escola dia sim, dia não.

Tive muita sorte em não ter repetido de ano, pois quando ia à escola aproveitava bem o tempo. Quando eu estava cursando o segundo ano do primário, certa manhã acordei muito doente e fiquei acamada. No dia nove de outubro de 1976, fui internada e permaneci no hospital vinte e três dias.

Naquele época, não havia acompanhante, tive que ficar sozinha e longe da minha família. Minha mãe também estava doente e eu não sabia como ela estava. Meu pai ia me visitar todos os dias, já que estava desempregado. Quando saí do hospital, meu pai já havia arrumado trabalho em um sítio. Lá não tinha energia elétrica.

Durante muito tempo, ficamos sem escola e vivendo no escuro. Não era nada fácil viver daquele jeito, levando uma vida de adulto e trabalhando na roça.

Um dia, apareceu uma pessoa fazendo uma pesquisa para ver quantas crianças estavam sem estudar e então, voltar à escola.

Naquele instante fiquei muito feliz por saber que voltaria a estudar depois de dois anos fora da escola. Fiquei só mais dois anos na escola. Tive que abandonar de vez os estudos e novamente voltei para o trabalho onde permaneci por muitos anos.

Nunca deixei de sonhar que um dia voltaria a estudar e chegar também a uma faculdade. Durante toda a minha adolescência mantive esse sonho comigo. Meu pai dizia que mulher não tinha o direito ao estudo, pois seu lugar era dentro de casa, lavando, passando, cozinhando e cuidando dos filhos, mas nunca desisti do meu sonho.

Certo dia, comecei a namorar e me casei com um homem que sempre me apoiou e apoia o meu sonho. Apesar de ter que trabalhar sozinha para cuidar de um marido doente e de três filhos, nunca desisti. Sempre disse aos meus filhos que quando eles começassem a trabalhar, eu voltaria à escola.

Hoje, estou estudando e me preparando para um curso superior. Estava em dúvida que curso fazer, porém, depois de muita reflexão, optei por fazer Estética, pois como tenho curso de massoterapia, ficou mais fácil decidir. Primeiro vou fazer o ENEM, depois pensar no resto, mas uma coisa é certa, um dia fui obrigada a trocar os estudos pelo trabalho e quem sabe daqui a alguns anos eu possa transformar meus estudos em trabalho.

Se Deus quiser um dia eu chego lá, pois acredito muito nisso!

*Vera Lúcia Silva*

## Bons tempos

Nasci em um lar bastante humilde. Vivíamos com muita dificuldade financeira. Para piorar a situação, um dia meu pai resolveu seguir seu caminho sozinho. Minha mãe, minha irmã e eu ficamos sozinhas.

A situação financeira que era péssima piorou e minha mãe resolveu que iria trabalhar no serviço que aparecesse.

Ela nunca mais se casou e, portanto, teve que trabalhar a vida toda. Minha irmã e eu enfrentamos o batente muito cedo. Eu, aos doze anos em uma fábrica e ela, aos sete, em casa de família. Isso sem contar os afazeres de casa. Levantávamos às 4:45 da madrugada todos os dias. Foi uma infância muito difícil e triste.

Quando pequena e enquanto não trabalhava, eu ficava sozinha em casa. Sempre fui uma menina solitária. Não tinha amiguinhos. Pobreza e orfanidade me excluía do convívio com as outras crianças da vizinhança.

Algumas vezes, com pena de mim, minha mãe me levava para passar uns dias na casa de minha tia, numa cidade do interior. Ah! Que coisa boa! Era meu tempo de felicidade! Lá eu me esquecia das tristezas infantis. Esses passeios ficaram tatuados em minha mente como flores perfumadas. Eu amo essas lembranças.

A casa da minha tia era simples, feita de madeira, mas muito agradável. Minha tia era zelosa. Em cima de alguns móveis (todos bem simples), tinha sempre uma toalhinha bordada, onde ela colocava uma lata pequena com flores. Na entrada da casa ela cultivava um mimoso e colorido jardim, com flores do campo, onde eram vistos lindos beija-flores, borboletas, abelhas e joaninhas.

Meus primos tinham um vira-lata pretinho e muito saliente que nos acompanhava o tempo todo. Era um bom amigo. Não me recordo mais do seu nome.

O terreno onde ficava a casa, era um lugar bem alto e meu tio fez uma escada no próprio chão, que descia até um gramado onde brincávamos muito. Ao lado, havia uma grande pedra de onde brotava uma pequena

cascata borbulhante e cristalina que, ao cair, formava uma piscina natural, onde nadávamos por horas, ou melhor, meus primos nadavam porque eu não nado até hoje.

O fogão da casa era à lenha e íamos uma vez por semana buscar “*combustível*” em um bosque de altos eucaliptos cheirosos que ficava perto. Meu tio aproveitava para nos mostrar alguns passarinhos que viviam por lá. Avisávamos, também, algumas raposas que corriam ao nos ver. Que aventura!

À tardezinha, já cansados, tomávamos banho de bacia e depois jantávamos uma comidinha simples, mas saborosa à luz de um lampião.

Então, íamos todos para a cama. Já deitados e sonolentos, ouvíamos lindas histórias contadas por nossa avó. E como ela sabia contá-las! Os personagens, lugares, roupas e festas, pareciam tão reais que até hoje eu me lembro da princesa do lindo vestido azul bordado com estrelas do céu!

Que tempo bom aquele, me ensinou que para ser feliz, você só precisa gostar do que tem e ser agradecido.

*Zélia da Costa Tomasetti*

# AGRADECIMENTOS

Aos alunos, que acreditaram no Projeto Autobiográfico “Minha vida, minha história”. Quando começamos sabíamos que aprenderíamos muito com vocês. Obrigada por terem aceitado esse desafio!

À equipe gestora, que não mediu esforços para que o projeto fosse realizado. Obrigada por apoiar o nosso trabalho!

Professoras:

Eliana, Raquel, Regina e Terezinha

## ALUNOS

---



Aline



Aparecida



Célia



Cláudio



Edna



Edevaldo



Eliana



Giselda



Ivanilda



José Mariano



Larissa



Maria Heloísa



Patrícia



Raquel



Thiago



Vera

37



Zélia

## EQUIPE GESTORA

---



Célia



Gláucia



Izabel

## PROFESSORAS

---



Eliana



Raquel



Regina



Terezinha

